
DISCUSSÕES ACERCA DO ESOTERISMO EM VERSOS DE DARIO VELLOZO

Discussions about Esotericism in Dario Vellozo's verses

Isabela Melim Borges¹

RESUMO: A produção literária/intelectual brasileira da virada do século XIX para o XX é abundante por conta, entre outras coisas, de uma vasta influência de filosofias e de movimentos literários estrangeiros que aqui chegaram e se modificaram. Uma dessas filosofias é o Positivismo, que possibilitou um pensamento cientificista identificado na prosa e na poesia desse período. Junto dele chegaram outras ideias, entre elas estava o esoterismo que também teve sua parcela naquela produção literária. Assim, este trabalho tem por objetivo apontar alguns preceitos para o que considero uma mística da filosofia de Auguste Comte que se entrelaçam com o esoterismo. Ademais, este artigo versa sobre o esoterismo em parte da poética de Dario Vellozo, que consideramos um dos grandes expoentes da literatura brasileira nesse quesito. Com isso, acreditamos que estas reflexões abrem outros caminhos para discutir a múltipla produção de Dario Vellozo, tanto na sua prosa quanto nos seus versos.

PALAVRAS-CHAVE: Positivismo; esoterismo; Dario Vellozo; poesia.

ABSTRACT: From the late 19th century to the early 20th century the Brazilian literary and intellectual production thrived due, in part, to major influences by philosophical and literary foreign movements and theories that arrived here and were adapted within the country with their own features. Positivism is one of the philosophical branches, which enabled the scientific thinking identified in prose and poetry of that period, along with other ideas such as esotericism. In addition, the purpose of this work is to pinpoint some tenets from what we consider to be a mystique of Auguste Comte's Philosophy that are intertwined with esotericism. In addition, this paper also discusses part of Dario Vellozo's poetics, regarded as one of the greatest esoteric exponents of Brazilian literature. Thereby, we believe these reflections open other ways to discuss the multiple production of Dario Vellozo, both in his prose and verses.

KEYWORDS: Positivism; esotericism; Dario Vellozo; poetry.

Auguste Comte (1988, p. 4-7) admite que, através da Lei dos Três Estados (por meio da qual admite que todas as ciências e o espírito humano são como um todo e desenvolvem-se através de três fases distintas: a teológica, a metafísica e a positiva), a reforma social deve ser feita a partir de uma reforma moral da sociedade e que, portanto, o poder espiritual será o

¹ Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do NUPILL (UFSC).

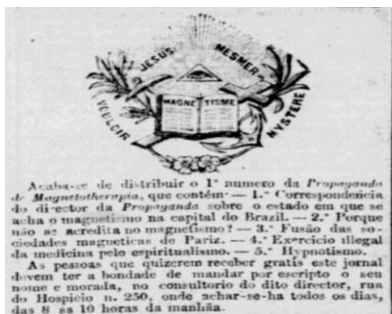
regulador da vida social. Numa tentativa de regulação da moral, ele cria a Religião da Humanidade, inspirada na organização do Catolicismo por apresentar, entre outras características, um sacerdócio e um culto aos santos, representado por homens que tiveram suas vidas lembradas pela consagração religiosa, além daqueles que marcaram a história através da filosofia, da ciência, da política ou da arte. De acordo com o filósofo francês em seu Catecismo Positivista, a humanidade é o “Grande Ser” (1988, p. 105), elemento que caracteriza a transcendência da sua religião, que está, por sua vez, alicerçada no amor e na devoção à mesma humanidade. Ele não se preocupa em explicar a existência ou inexistência de Deus, mas tenta alcançar uma unidade no estudo dos fenômenos sociais, cujo intuito é conciliar as duas estruturas da vida social: ciência e religião. Esta, para ele, baseia-se no sentido de *religare* (do termo latino *relegere* ou *religáre*), que não significa, necessariamente, religação com um Deus, mas, sim, com a existência.

Auguste Comte pensa uma “Trindade Positivista”, composta pelo “Grande Ser” (entidade coletiva formada pelo conjunto de seres humanos convergentes do passado, do presente e do futuro que contribuíram, contribuem e contribuirão para o progresso da civilização), pelo “Grande Fetiche” (o planeta Terra com todos os elementos que o compõe: vegetais, animais, minerais, água, terra etc.) e pelo “Grande Meio” (o espaço, os astros, o Universo) (COMTE, 1988, p. 327). Essa Trindade Positivista é que corresponderia à mística de Comte, por aproximá-lo do cristianismo e também do ocultismo, tal como enfatizado por Papus (1975, p. 27): “esta mística que atrai, com seu estranho encanto, espíritos com o valor de Espinosa, Newton, Goethe e Augusto Comte nos fins da vida (quando os seus discípulos o declaram louco)”.

Dessa maneira, de acordo com Abbagnano, o misticismo é “toda doutrina que admita a comunicação direta entre homem e Deus. [...] O estudo místico consiste essencialmente em definir os graus progressivos da ascensão do homem até Deus, em ilustrar com metáforas o estado de êxtase e em procurar promover essa ascensão com discursos edificantes (2007, p. 783). Pois bem, o Positivismo não tenta explicar qualquer existência ou ausência de um Deus como o dos monoteísmos mais importantes (Cristianismo, Islamismo, Judaísmo), mas deifica a humanidade a ponto de representá-la através da imagem de uma mulher: a Virgem-mãe, que se alegoriza, portanto, na humanidade. De acordo com Comte, “o culto ocidental da Virgem-mãe [tornou-se] o preâmbulo espontâneo da adoração universal da Humanidade. Porque o Grão-Ser realiza a utopia feminina fecundando-se sem assistência alguma estranha a sua própria constituição” (MENDES, 1931, p. 32). Assim, a mística de Comte pode ser entendida como a deificação da humanidade, sendo dirigida a esta toda a devoção dos iniciados.

Partindo, então, da religião da humanidade tomada como misticismo em conjunto com as várias outras ciências, ditas ocultas, a exemplo do magnetismo e do hipnotismo, podemos admitir uma grande quantidade de influências provenientes do Positivismo e do esoterismo na produção literária brasileira da virada do século XIX para o XX.

Há várias menções a essa miríade de ideias em inúmeros periódicos brasileiros que datam de 1860, como exemplo, a propaganda sobre o magnetismo no *Jornal do Comércio* (RJ), de 27 de julho de 1860, p. 3:



Sobre isso, Medeiros e Albuquerque,² no livro *Pontos de Vista* (1913), escreve um longo ensaio tratando do ocultismo, com título homólogo. Ele faz um apanhado sobre a entrada dessa ciência no Brasil e das suas principais correntes. Segundo ele, o hipnotismo, reconhecido como uma “verdade científica”, chamou a atenção para outros fenômenos análogos:

O espiritismo e as chamadas “doutrinas ocultistas” aproveitaram a ocasião para impor-se e acharam, de fato, inúmeros sectários. Foi como se do lado de fora do templo da ciência houvesse uma multidão enorme de teorias mais ou menos esdrúxulas e heterodoxas esperando ocasião para tomar o lugar dentro dele. Abriu-se uma fresta da porta para deixar passar uma delas — e, logo, todas as outras, tumultuosamente, de roldão, procuraram também penetrar. A estas horas assiste-se à luta dos homens da ciência, que estão como um porteiro de

² O autor publicou um manual, *O Hipnotismo* (prefaciado pelo Acadêmico e renomado médico Miguel Couto e que veio a contar com várias edições) em 1921, admitindo no prefácio da primeira edição que, de 1885 a 1889, por conta de uma íntima amizade com um grupo de estudantes de medicina, “nós todos aprendemos a hipnotizar. Ao princípio, eu tive por isso um entusiasmo excessivo. Só me faltava deter transeuntes na rua para os adormecer” (1923, p. XV-XVI).

igreja em dia de festa popular, lutando com a multidão, não sabendo bem quem deve e quem não deve entrar. (1913, p. 85)

De acordo com o próprio Medeiros e Albuquerque, a entrada dessas doutrinas ocultas foi um dos fatos que caracterizaram o fim do século XIX. A ciência oculta, para o ensaísta, é somente “um acervo de fatos esquecidos da ciência antiga, dos iniciados em vários santuários da Índia, da Grécia, fatos que pertencem uns à física, outros à química, e quase todos à psicologia” (ALBUQUERQUE, 1913, p. 99).

Nessa mesma toada, o poeta Luiz Delfino publicou no livro *Algas e Musgos* (1927),³ um soneto tratando do mesmo tema e dedicado a Medeiros e Albuquerque. O poema apresenta uma inversão de estrofes, fato que pode ser lido como uma recriação, pela linguagem poética, do início da *Tabula Smaragdina*:⁴ “O que está embaixo é como o que está em cima, o que está em cima é como o que está embaixo, para que se cumpra o milagre da unidade”:

OCULTISMO

A Medeiros e Albuquerque

Quando à noite sozinho, alheado e mudo,
Passam por mim, num turbilhão medonho,
Mundos que palpo, e que não são, contudo:

Busco em vão quem os fez e os leva, e ponho
A olhar-me: existo? Quem sou eu? E estudo
Se isto, que vejo inda acordado, é sonho...

Há dentro em nós recordações trazidas
De outras terras e céus, num vago enleio:
Lembranças de sofrer jamais perdidas,
Sofrer que unir-se às nossas mágoas veio?

Num deus... deus que agoniza, há muito, eu creio,
Que a não ser, jovens mães estremecidas,
Nunca irrompera mais do vosso seio
A dor com toda dor das outras vidas...

³ Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=129786>, acesso em: 16/06/2020.

⁴ A Tábua de Esmeralda (ou Tábua Esmeraldina) é uma obra atribuída a Hermes Trismegistos e uma das bases do esoterismo helênico.

Sobre o mesmo tema, mas em franca oposição a ele, Lima Barreto, em “A Biblioteca” (parte integrante de *Marginália*,⁵ coletânea de crônicas e artigos escritos ao longo de sua carreira como jornalista e escritor), critica tanto o próprio ocultismo como um dos seus seguidores, o dublê de poeta e mago Múcio Teixeira:

[...]. Por exemplo: hoje, diz a notícia, que treze pessoas consultaram obras de ocultismo. Quem serão elas? Não acredito que seja o Múcio. O antigo poeta é por demais sabido, para consultar obras de sua profissão. Quero crer que sejam tristes homens desempregados, que fossem procurar no invisível, sinais certos da sua felicidade ou infelicidade, para liquidar a sua dolorosa vida, [...].

Lima Barreto, em crônica que aborda os registros daquilo que é consultado na Biblioteca Nacional, além de substituir o poeta pelo ocultista, afirma, ironicamente, que Múcio, mesmo não precisando consultar as obras ocultistas, as procurou. Além disso, de forma jocosa admite que somente pessoas descompromissadas (desempregadas) procurariam alguma resposta em tais livros. Evidentemente, Lima Barreto está satirizando não somente a vertente ocultista de Múcio Teixeira, como também aqueles que por ela têm simpatia.

Vale ressaltar que Múcio Teixeira (1857-1926), poeta gaúcho de Porto Alegre, foi adepto do Positivismo, portanto, frequentador assíduo do Partenon Literário,⁶ segundo Regina Zilberman:

Apolinário Porto Alegre é o escritor mais visivelmente comprometido com o ideal republicano; porém, também Múcio Teixeira, durante a década de 70, quando ainda vivia no Rio Grande do Sul, expressou as mesmas simpatias políticas. E ao contrário de Porto Alegre, onde a posição republicana aparece integrada à tradição rio-grandense [...], em Teixeira, este destino político vincula-se às novas teorias — o cientificismo e o positivismo (1980, p. 32).

Múcio Teixeira, contudo, é positivista que não deixa de contestar essa doutrina, como no poema “Dois Edifícios,”⁷ publicado um ano antes da

⁵ Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=142041>, acesso em: 16/09/2020. O texto foi publicado, originalmente, no jornal *Correio da Noite* (RJ) em 13 jan. 1915.

⁶ Disponível em: <https://biblioteca.Pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabe-o-que-foi-o-partenon-literario/> Acesso em: 25/01/2020.

Proclamação da República, em que parece querer equilibrar religião e ciência, i.e., a doutrina cristã e o positivismo de Comte:

.....
Aquela habitação, fechada noite e dia
Á ostentação, que humilha; ao gozo, que enfastia;
Abre-se para a luz: — é como que uma ponte
Por onde as almas vão de Cristo a Augusto Comte:
Da crença à convicção, da fé ao raciocínio,
Cheias de aspirações, — como um repleto escrínio
Onde os raios do sol firmam no mesmo instante
A esmeralda, o rubi, a opala, o diamante!

.....
(TEIXEIRA, 1888, p. 34)

Para além do Positivismo, Múcio Teixeira tinha o ocultismo em alto grau. No entanto, pelos comentários publicados em alguns periódicos, ele parece assumir o lado anedótico da história do ocultismo na literatura brasileira, haja vista a crônica de Lima Barreto, *A Biblioteca*⁸, cujo excerto foi explicitado acima. Múcio Teixeira foi um hierofante que passou a se assinar “Barão de Ergonte”, quando se tornou astrólogo e quiromante profissional, e, sobre isso, muito se escreveu nos periódicos da época. Como exemplo, duas notas do *Jornal do Comércio* (RJ, 21 jul. 1910 e 4 abr. 1911):

— A *Razon* publica uma reportagem occultista com o Sr. Mucio Teixeira, o qual prediz convulsões em S. Paulo e Minas Geraes contra o Marechal Hermes da Fonseca.
Jornal do Commercio.

GRANDE NOVIDADE!!
Acabaram-se os hierophantes!
Desde que appareceu, recentemente impressa na Europa, e traduzida por um sabio occultista, Nuno Rodrico, a importante obra intitulada
A BRUXA ÉVORA
onde se contém os melhores conselhos e receitas para ser amado, para ser feliz no amor, no jogo, e em todos os negocios da vida, além de seções applicadas, onde se trata da adivinhação do futuro e do caracter das pessoas por meio de cartas e das linhas das mãos, do magnetismo, da telepathia, do espiritismo e de muitas outras cousas curiosas.
A BRUXA, que está illustrada em francez e portuguez, em vista das afortunadas revelações que faz, é dirigida do Sr. Nuno Rodrico, o verdadeiro mago das artes mágicas, que a conserva sempre á sua cabeceira, como inspiradora das suas prophecias e dos conselhos que dá aos consultantes.
N.º a BRUXA ÉVORA, é que o Sr. Mucio aprendeu a sua sciencia do Enxer e bem e o mago do profeta: é forte e de corer por meio do magnetismo. O hierophante da Bruxa não faz milagros, e se que faz aprendeu-os neste livro, que assim pode perfeitamente substituir todos os profetas.
Comprar á BRUXA é ter sempre á mão um sabio conselheiro nas afflicções e difficuldades da vida: um hierophante que nos orienta com sinceridade, sem nos autilizar e sem nos explorar.
Um enorme volume brochado, cheio de gravuras, 54000

⁷ Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=150371>, acesso em 16/09/2020.

⁸ Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=142044>, acesso em 16/09/2020.

Englobando o magnetismo e o hipnotismo estava o Espiritismo de Kardec que, por conta do seu viés “científico”, colaborava com a concepção de uma sociedade (aristocratas e intelectuais) que legitimava a ciência enquanto religião. Segundo Kardec, o Espiritismo seria menos uma religião e mais propriamente uma “ciência que revela aos homens, por provas irrefutáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e as suas relações com o mundo corpóreo” (2013, p. 14). Kardec estruturou o Espiritismo em duas categorias: uma moral e a outra como religião. Pregava que ciência e religião são os dois alimentos da inteligência humana, enquanto uma revela as leis do mundo material, a outra, as do mundo real.

ESOTERISMO NA POÉTICA DE DARIO VELLOZO

Além do Espiritismo de Kardec e das doutrinas ocultistas em voga no Brasil no final do século XIX para o início do século XX, o itinerário de Dario Vellozo é um exemplo dessa profusão de influências esotéricas. Vellozo tem sua trajetória marcada pela conversão à maçonaria, pois ele, de acordo com Maria Tarsila Bega, ganha posição de destaque exercendo funções de diretor de várias revistas dentro dessa doutrina, como é o caso de *Ramo da Acácia* (1908-1913); *Mirto e Acácia* (1916-1920); *Luz de Krotona* (1921-1927) e *Lâmpada* (2013, p. 235-6). Sobre isso, admite Pilotto:

Se acompanharmos com atenção essas revistas, ao mesmo tempo que uma grande unidade de orientação, notamos, apesar disso, nítidos momentos diversos, ou centros de acentuação do interesse do espírito que as orientou. O período da *Esfinge* é, eminentemente, de martinismo e maçonaria esotérica; o período do *Ramo da Acácia* é de maçonaria e luta pela liberdade de consciência; o período de *Mirto e Acácia* é de maçonaria e neo-pitagorismo; os períodos posteriores são eminentemente neo-pitagóricos. É verdade que, em todos os períodos, há acentos de cada um dos períodos isolados e aquela distinção apenas marca o centro de gravidade na evolução dos interesses em Dario Vellozo. (1969, p. 63)

Além de seguir preceitos do Positivismo, fica nítida a presença de várias ciências ocultas na produção de Dario Vellozo, atestada principalmente na sua prosa, pela publicação do livro *Templo Maçônico* (1899) e pela primeira edição da revista *Esphynges*, onde ele escreve:

[...] O Brasil não podia conservar-se alheio ao belo movimento que se tem acentuado na Europa e se vai acentuando na América. Os arautos do século XX proclamam a renascença do espírito, a Era Nova da Alma. De novo são investigados santuários antigos. Os templos da Ciência Oculta iluminam-se; sábios e pensadores agrupam-se em Centros de Estudos Esotéricos — continuando suas tradições da Cabala, da Gnose, da Rosa-Cruz... Os símbolos da Maçonaria fulgem nos santuários; e a alma das Tradições surge, numa aparição radiosa, alimentando o coração a flamejante estrela da Esperança. (VELLOZO, 1899, p. 4)

Nesse mesmo momento, Dario Vellozo entrou em contato com H. Girgois, delegado para a América do Sul do Grupo Independente de Estudos Esotéricos, de Paris, criado e dirigido por Papus. Segundo Maria Tarsila Bega, por volta dessa mesma época também Dario Vellozo ingressa na *Association Alchimique de France*, tendo como Grande-Secretário Jollivet-Castelot (2013, p. 236). Também em maio de 1900, o poeta curitibano fundou o Grupo Independente de Estudos Esotéricos “Luz Invisível”, em cujo regulamento descreveu que a intenção era uma congregação que promoveria, por meio de conferências, leituras, palestras e sessões práticas, discussões de questões relevantes sobre ciência oculta, magnetismo, hipnotismo e literatura esotérica.

A esse respeito, vale a pena atentar a um soneto de Vellozo — dedicado a Júlio Pernetta, Silveira Netto e Antônio Braga, amigos escudeiros — do ano de 1898, isto é, da mesma época em que o seu esoterismo ficou explicitamente patente:

FLOR SIMBÓLICA

Esfinge, ao luar, cismando. Em que é que cisma a Esfinge?
Isis, no céu, fulgura, entre os lírios de Amon...
E o luar brilha; e o luar dorme; e o luar cinge
Nilo que vai rolando a barca de Caron.

Barca de Isis, no Azul, bari de argentum! Astro!
O mistério do Além brilha nas tuas ondas!
Vogas! Amon rutila em templos de alabastro...
Vogas! E o Infinito as hipogeias sondas...

Diadema de luz a tua fronte aureola;
Osíris brilha, Osíris sonha em teu seio de pérola! ...

E a Esfinge dorme; e o Luar Brilha; e o Nilo sonha.

Dorme! Esfinge do amor no seu sudário eterno!
Brilha! Flor imortal, flor de Amon! Brilha e sonha,
Isis! Lótus do Além! — Isis, flor do Mistério!
(VELLOZO, *Esotéricas* [21 jul. 1898], 1969, v. 3, p. 87)

Era um esoterismo que perpassava grande parte da produção escrita do poeta, seja em verso seja em prosa⁹. No caso do poema acima, temos imagens egípcias parecendo saídas de Alexandria, nos primeiros séculos da era cristã, quando o esoterismo ocidental se foi forjando. De outro lado, é curioso e muito interessante como suas ideias acabaram por constituir uma teia contraditória, pois, enquanto ele funda, escreve e dirige revistas de cunho explicitamente maçônicos, que, de modo sumário defendem um ideal racional, propagará com um viés alternativo, referindo-se à fundação do INP, “[...] uma fraternia espiritual, em que pelo menos pudessem se afinizar cada vez mais aquelas belas almas, sedentas de Luz, a fim de que, embora separadas fisicamente pela distância, estivessem unidas pelo mesmo grande e nobre pensamento de verdade e justiça, que são as duas colunas da Ordem e do Progresso”(VELLOZO, 1969, v. I, p. 40). Em vista disso, Vellozo mistura o ideário positivista ao esotérico, e, de forma paradoxal admite que: “Um dos fins do INP é criar contracorrente à dissolução moral que avassala a sociedade contemporânea, formando células conscientes da sociedade futura. [...] O progresso é resultante da lucidez do espírito. Estuda, medita, analisa, sintetiza; faz-se mais e mais consciente, a fim de propagar os ideais de Verdade, Justiça, Liberdade, Amor, Paz” (VELLOZO, 1969, v. 1, p. 41).

De todo modo, para que seja possível a interpretação de cunho esotérico em parte da poética de Vellozo, trago aqui um dos poemas mais emblemáticos:

PALINGENÉSIA

Ocaso! Opalas e amaranço,
Jalné e opala;
Curva azul de horizontes,
Montes...

Além, o Sol trescala
Ânforas de óleo-santo,
Lírio e nenúfar...

⁹ Sobre a produção em prosa de Dario Vellozo, v. BORGES, 2020.

Unção da Noite, prece.

Voguemos!
O Ocaso é mar
De violetas e crisântemos...

Cefeiro a messe
De meu amor vae ceifar!

O Sol mergulha.
E a Noite crepes negros estende,
Crepes da alma,
Luto da alma,
Crepes sobre o mar!

Esperança! Esquife de hulha!
Impiedade,
Crueldade,
Esperança, — Flor dos Lírios, — vão te
[incinerar!]

Carregam traves...
Fumega a pira!

Lira,
Entra a cantar!

Ó Torre do Ideal, fechada a sete chaves,
Torres de ametista e de luar!
Abri-vos!
Quero subir, subir mui alto,
Sobre a Terra, no Azul, além! — no Astral...
(Lázarus! sonhos meus! espectros redivivos!)
As tuas sete chaves, Torre do Ideal!

No asfalto
Esporas tinem, de cavaleiro...
(Quem abrirá?)
Esporas de ouro de cavaleiro!
Cavaleiro ou coveiro?
Alguém... do Au delà...

Velas, ao Oriente...
O Oriente é mar.

Ave, Istar!
Morro de frio em minha ermida branca,
Alva de luar...
Urzes crescem na ermida,
Urzes da vida,
Urzes da ermida branca...
Que mão de piedade arranca
Urzes de bruma de meu tédio, Istar?

Mendigo
Cego e morto de fome...
Dá-me a luz de teu nome,
O sol de teu olhar!

— Amigo!

— Istar!

Alto e longe!
Minhas vestes de monge
São de chumbo, Istar;
Prendem-me à terra,
Soldam-me à Terra,
Vestes de húmus: corpo, algar!

— Benze-me! Asperge-me com um ramo de alecrim!
Mirífica, eleva-me!
Eterífica, eleva-me!
Sete chaves! Torre de Marfim!

Arcano da Harmonia,
Harpa ceciliana,
Soberana!
Horto de Anael!
Tens a meiguice de Maria,
Rachel!

Tens a meiguice de olhar de monja,

Istar.
Meu olhar é uma esponja
Que bebe a luz de teu olhar.

Vais tão alto e tão longe!
Cego! Que serei eu?
Monge
Que nos repes da noite se envolveu.

Atanor,
Terra,
Em teu cálix de húmus e de amor
Encerra
Meu corpo, ó Mãe misericordiosa!
E meu astral
No seio de uma rosa
Írá brilhar...

Lírio escultural,
Istar,
No cálix de esperança de teu olhar.

Vais alto, longe e distante...
Para o Levante?
Para o Poente?

Onde quer que tua alma se ausente,
Minha ermida levanto,
À luz de ocasos de amarantho,
Saudosamente,
Discretamente,
Nos sete palmos de um campo-santo.
(VELLOZO, 1969, *Cinerário*, v. III, p. 226-9).

Esse poema, “Palingenésia”, de 1901, inserido no livro *Cinerário* (1929), trata, como o nome sugere, da metempsicose ou da transmutação como condição para o aprimoramento do ser, perspectiva que facilmente se depreende dos termos, expressões e imagens que emprega Vellozo dentro da sua poesia. Contudo, além dessa leitura mística imediata (e certamente imediatista), é possível (e seguramente mais fértil) uma outra leitura.

Esse poema pode ser dividido em três momentos: a elaboração, a invocação e a transmutação que não se confirma. O texto, contudo, por não

ser fluido, não marca explicitamente tais divisões. Uma variação no ritmo ligado àquilo que é trabalhado em cada uma das situações é o que leva ao movimento. No primeiro instante, versos curtos, sintaxe incompleta, e o esquema rítmico mais livre levam a uma leitura mais solta. Essa parte do poema tem como característica um discurso obscuro devido à presença de reticências, de exclamações e, sobretudo, devido à presença de verbos que, empregados metaforicamente, mais sugerem do que explicam: “o Sul trescala”; “o Sol mergulha”; “a Noite crepes negros estende”, sinestésias que pretende mais soar do que dizer, mas que são um meio de descrição daquela paisagem sensitiva.

Também, como forma de esclarecimento, é importante salientar que há trocas de símbolos esotéricos por metáforas poéticas, ponto que constitui um exemplo evidente de uma transmutação textual e que permite colocar a ritualística do esoterismo em segundo plano, como por exemplo: “O Sul trescala ânforas de óleo santo”. Essa imagem que suscita a metáfora do Cruzeiro do Sul no horizonte, somada à sinestesia que o verbo trescalar (exalar) promove, é bastante representativa do que estamos tentando mostrar. O Cruzeiro do Sul, no esoterismo, remete, entre várias outras, à imagem da Cruz de Salomão, que Julius Évola admite ser o “símbolo da integração da setuplicidade do espaço e do tempo, como forma que retém e ao mesmo tempo destrói o livre movimento” (1984, p. 197). Assim, essa imagem da cruz no poema funciona de forma bem diversa de seu significado original.

O mesmo ocorre com a “minha ermida branca alva de luar”, metáfora que o eu-poético constrói para descrever a prisão do seu eu interior. Essa “ermida”, cujo significado esotérico está relacionado com templo, expressa uma “refusão de símbolos ao eixo do mundo. [...] A estrutura do templo grego, admitido esotericamente, sugere a comunicação entre o mundo superior, o terrestre e o inferior. Ou seja, imagens esotéricas que não refletem a realidade poética.

O poeta canta para sua musa, Istar, o que também aponta para uma transmutação, pois se ela é a deusa egípcia da literatura esotérica, no poema ela é a musa do poeta, reforçando assim a autonomia do literário sobre o esotérico extraliterário. Para ela, ele descreve o pôr do sol, isto é, o “Ocaso”, que, extremamente colorido, ora se confunde com o azul refletindo as multicores das opalas, dos amarantos, do jalne:

Ocaso! Opalas e amaranço,
Jalne e opala;
Curva azul de horizontes,
Montes...

Em outro momento, o “Ocaso” é o próprio mar de violetas e

crisântemos em que ele, o poeta, e sua musa, Istar, vão flutuar:

Voguemos!
O Ocaso é mar
De violetas e crisântemos...

O poeta vai desenhando um pôr do sol que se transforma em noite, processo que se expressa pela mudança progressiva do tom das cores, do amarelo forte do jalne até o roxo das violetas. A noite inicia quando o “sol mergulha”, metáfora muito frequente na tradição poética ocidental ao menos desde a *Odisseia*, de Homero, que canta: “Se a terra é donde o Sol mergulha em trevas”. Em nossa tradição literária aparece, por exemplo, nos “Feitos de Mem de Sá”, do padre Anchieta: “O sol mergulha seu carro luzente nas ondas”. Em autores do século XIX e do XX não é esquecida de modo algum e aparece, por exemplo, nas *Rapsódias* de Coelho Neto: “quando a concha do sol mergulha, levanta-se a da lua”, conexões que também apontam para uma outra transmutação, ou palingenesia, pois é o verso de Vellozo que se transforma em outros, ou que chama outros.

O Ocaso, que no esoterismo significa transcendência, transmutação, é descrito para compor uma paisagem que se mantém na dimensão do visível, mas que parece ultrapassar o dizível, provocando sensações, tal e qual diria Hugo Friedrich: “são versos que mais querem soar do que dizer” (1978, p. 50). Outro exemplo do que afirma Friedrich é:

O Sol mergulha.
E a Noite crepes negros estende,
Crepes da alma,
Luto da alma,
Crepes sobre o mar!

Quanto às expressões que são utilizadas para descrever elementos da paisagem, elas aparecem do início ao final do poema, tais como: “azul de horizontes”, “Ânforas de óleo-santo”, “Unção da noite”, “Crepes da alma”, “Luto da alma”, “Esporas de ouro de cavaleiro”, “Urzes da vida”, “Urzes da ermida branca”, “Vestis de monge”, “Repes da noite”. Todas essas expressões levam a construções sensíveis por parte do leitor, não apenas de caráter visual, pois se dirigem também ao olfato ou ao tato, numa espécie de sinestesia alargada.

E tudo isso é acompanhado por uma musicalidade marcada pela repetição do som nasal de “n”, que se amplia com as assonâncias de “o”, “a” e “e”, e com as aliterações de “s” e de consoante seguida de “r” (tr, pr, cr, gr,

br etc.), em meio a repetições de palavras que reforçam ainda mais a musicalidade.

Na segunda parte do poema há também verbos no modo imperativo, suscitando uma invocação: “abri-vos”, “dá-me”, “prendem-me”, “soldam-me”, “benze-me”, “mirifica”, “esterifica”, “eleva-me”. Nessa segunda parte, a voz do poeta fica mais evidente, mesmo com uma musicalidade ainda branda.

Lira,
Entra a cantar!

Ó Torre do Ideal, fechada a sete chaves,
Torres de ametista e de luar!
Abri-vos!
Quero subir, subir mui alto,
Sobre a Terra, no Azul, além! — no Astral...
(Lázarus! sonhos meus! espectros redivivos!)
As tuas sete chaves, Torre do Ideal!

Toda a segunda parte do poema é enunciada pelo poeta de dentro da “Torre do Ideal”. É de lá que ele invoca a sua musa, Istar. É da torre que o poeta vê o horizonte azul, o pôr do sol multicolor, a noite negra tal qual um grande tecido que se estende sobre o mar. É também da Torre que ele se dá conta da presença de uma embarcação (esquife), metáfora de esperança e liberdade. Porém, esse mesmo “esquife”, como bem lembra o poeta, também é sinônimo de ataúde. Dessa forma, o eu-lírico parece titubear entre a esperança e o seu contrário, o desespero; é nesse momento que ele clama pela lira, pela poesia, pois é através dela que se daria a fuga da torre, transmutação do eu-poético dentro do poema.

A própria palavra, na poesia de Vellozo, passa por uma palingenesia permanente que, originalmente, nasce no esoterismo, mas se transmuta e se regenera no poema. Como é o caso da palavra Istar:

Arcano da Harmonia,
Harpa ceciliana,
Soberana!
Horto de Anael!
Tens a meiguice de Maria,
Rachel!

Tens a meiguice de olhar de monja,
Istar.

Meu olhar é uma esponja
Que bebe a luz de teu olhar.

“Istar”, Ishtar ou Ashtarté, é a deusa que representa o amor no panteão assírio-babilônico (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 1.056), comparada também, dentro do poema, ao “Arcano da Harmonia” (representante da renovação da vida, da alquimia, da flexibilidade e do equilíbrio), a “Anael” (na tradição judaico-cristã é o nome de um dos líderes dos sete arcanjos), a “Maria” (a virgem cristã) e a Raquel (na tradição hebraica representa a mansidão e a paz). A partir dessas referências e em vista do poder do amor, da renovação e da mansidão, pode-se afirmar que a transmutação é um poder inerente à musa e invocado pelo poeta: “mirifica[-me]”, ou, “torne-me maravilhoso”, num sentido transcendental, de modo que o seu próprio corpo deve deixar de ser matéria (“eterifica[-me]”, “torne-me éter”). Dessa maneira, a musa é quem proporciona a transmutação do poeta. Com isso, qualquer incongruência em torno dela se desmancha e ela se torna a origem, podendo ser compreendida pelo eu-lírico como uma máquina do mundo, onde tudo tem seu início no amor. Interessante notar que essa máquina do mundo, suscitada por Vellozo tem relação direta com a máquina do mundo que aparece nos *Lusíadas*, de Camões:

Diz-lhe a Deusa: “O transunto, reduzido
em pequeno volume, aqui te dou
do Mundo aos olhos teus, para que vejas
por onde vás e irás e o que desejas.”
Vês aqui a grande Máquina do Mundo,
etérea e elemental, que fabricada
assim foi do Saber, alto e profundo,
que é sem princípio e meta limitada.

Um pouco diferente, mas com o mesmo propósito, as duas musas, tanto a de Camões como a de Vellozo, detêm o poder transformador do poeta, capaz de fazê-lo ver além do que ele olha.

Porém, na “Palingenésia” de Vellozo, o eu-lírico afirma que suas “vestes são de chumbo”, sendo este, portanto, o fato que impede a sua elevação, e a invocação é interrompida, o que pode ser verificado pelo ritmo do poema, outra vez. Frente à inabilidade de elevação, o terceiro momento do poema é uma espécie de mistura entre o caráter invocativo/exclamativo/descritivo do primeiro e o retórico do segundo, e acontece, então, uma parada brusca, que termina em uma profissão de fé. O ritmo se torna suave, as rimas se interpolam em estruturas repetitivas, e a

musicalidade vai aumentando gradativamente até concluir com os advérbios à Cruz e Souza:¹⁰

Onde quer que tua alma se ausente,
Minha ermida levanto,
À luz de ocasos de amaranço,
Saudosamente,
Discretamente,
Nos sete palmos de um campo-santo.

.....
Que brilhe a correção dos alabastros
Sonoramente, luminosamente.
("Antífona", *Broquéis*, 1893).

Para triunfar maravilhosamente
Da beleza "mortal e dolorosa!"
("Deusa Serena", *Broquéis*, 1893).

Torva, febril, torcicolosamente,
("Dança do ventre", *Broquéis*, 1893).

Ó carnes que eu amei sangrentamente,
("Dilacerações", *Broquéis*, 1893).

Dario Vellozo, em "Palingenésia", parece ter proposto uma diminuição da tensão rítmica dentro do poema, proporcionada pelo verso que tende ao livre e pelo ritmo que se desdobra e se diferencia, que muitas vezes se apresenta agoniado e arfante, em decorrência dos versos feitos com uma só palavra, alternados com versos de 9 sílabas: / "Istar" // "Onde quer que tua alma se ausente". A construção assimétrica das estrofes, no tocante à posição das sílabas tônicas, garante ao poema variações melódicas que causam ao leitor uma surpresa constantemente renovada.

POR FIM

Que a produção de uma determinada época é proveniente de influxos estrangeiros, não é novidade, sobretudo no Brasil. O que este artigo

¹⁰ Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=142664>, acesso em: 16/09/2020.

tenta deixar claro é que o Positivismo, tido como a filosofia majoritária que englobava determinismos e evolucionismos, atuou diretamente nos vários sistemas de pensamento do Brasil, que se iniciava como República. Foi esse mesmo Positivismo, associado a um ideário místico e esotérico — que também perpassava as mentes dos intelectuais daquele momento — que resultou na produção do poeta Dario Vellozo.

Dario Vellozo foi um intelectual do seu tempo, ativo, e assim pensava criticamente e expunha seu pensamento em muitos periódicos. Influenciado por gama aberta de vertentes filosóficas e esotéricas, fundou, dirigiu e colaborou com muitos veículos de comunicação, para ele única forma de conciliar a ciência com a religião seria através da arte. Em “Istar”, podemos constatar que Vellozo desloca o hermetismo, fazendo com que termos esotéricos percam o seu significado original e que, quando inseridos no poema, se modificam e se transmutam em poesia.

A proposta deste texto, portanto, foi discutir e abrir outras questões acerca das influências do Positivismo e do esoterismo, afirmando que essas correntes não produziram apenas poetas medíocres, dublês de filósofos, como se acredita quase sempre, mas permitiram que alguns, a exemplo de Dario Vellozo, escapassem às limitações de uma poesia prosélita ou hermética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

BORGES, I. M. Alguns pontos coincidentes entre o positivismo de Auguste Comte e o pensamento de Dario Vellozo na revista *O Cenáculo*. *Revista de Letras Juçara*, Caxias (MA), v. 4, n. 1, p. 250-67, jul. 2020. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2306/1659>, acesso em: 14/09/2020.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des Symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Paris: Éditions Robert Laffont S. A. ET Éditions Jupiter, 1982.

COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*; Discurso sobre o conjunto do Positivismo; Catecismo positivista; trad. de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os pensadores).

_____. *Discurso sobre o método positivo: ordem e progresso*; tradução de Walter Solo. São Paulo: Edipro, 2016.

EVOLA, Julius. *A tradição hermética: nos seus símbolos, na sua doutrina e na sua arte régia*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. Brasília: FEB, 2013.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Pontos de Vista*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

PAPUS. *O Ocultismo*. Lisboa: Edições 70, 1975.

PILOTTO, Valfrido. *A estirpe apostolar de Dario Vellozo*. Curitiba: Edição do autor, 1969.

VELLOZO, Dario. *Cinerário*. Curitiba: Livraria Mundial, 1929. Disponível em:

<https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=107615>, acesso em: 16/09/2020.

_____. *Obras I*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969.

_____. *Obras III*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969.

ZILBERMAN, Regina. O Partenon Literário: literatura e discurso político. In: ZILBERMAN, Regina et al. *O Partenon Literário: poesia e prosa*. Porto Alegre: ICP/EST, 1980.

Recebido em 16 set. 2020

Aprovado em 12 fev. 2021